

PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

Fotografado de Oliveira 13.08.01

Asérie de fascículos *Pioneiros* — *histórias de quem fez Brasília* é uma homenagem às pessoas que, pelo seu espírito empreendedor, sonho e disposição, aceitaram o desafio de trazer a capital do país para o Centro-Oeste. Durante vinte domingos, os leitores poderão reviver um pouco da construção e do começo da vida em Brasília nas lembranças de cem pioneiros.

Antônio de
Paula Pontes



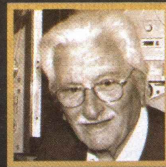
Benoni Dias
Beltrão



Ely
Toscano



Mário
Garófalo



Sophia
Wainer



PIONEIROS



Antônio de Paula Pontes

Autoridades e operários na mesma situação

ANTES DA
CONSTRUÇÃO DA
IGREJA DO NÚCLEO
BANDEIRANTE, AS
MISSAS ERAM
REALIZADAS NA
CASA DE TONICO

Arquivo Pessoal



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Relembrar os episódios que presenciou durante a construção de Brasília faz os olhos deste senhor de 72 anos brilharem como se os últimos 46 anos não tivessem passado. O entusiasmo com que Antônio de Paula Pontes, o *Tonico*, conta as histórias que viveu, quando chegou ao lugar onde Brasília aos poucos nascia, é contagiante. Reflete os sentimentos de esperança e coragem que a construção da cidade provocava

em quem hoje recebe o adjetivo de pioneiro ou candango.

A jornada do jovem Tônico na nova capital começa em 9 de fevereiro de 1957, data que nem os altos e baixos da memória um pouco cansada o deixa esquecer. Aos 26 anos, o goiano de Vianópolis desembarcava no Núcleo Bandeirante com a missão de inaugurar a primeira agência bancária do futuro Distrito Federal. Sem luz, água e asfalto, o lugar onde aportava nem podia ser chamado de cidade. Era, sim, um abrigo para os que

apostavam o futuro na transformação daquele cerrado fechado na capital federal mais nova do mundo. "Quando cheguei ao Núcleo havia cerca de cinco mil pessoas apenas", conta Tônico. "Só casas de comerciantes e famílias que prestavam serviço às companhias que construíam Brasília", completa.

Nove dias depois da sua chegada, era inaugurada a primeira agência do Banco da Lavoura. Como qualquer iniciativa comercial da época, a instalação precisou se adaptar a infra-es-

trutura disponível, no caso, uma sala da companhia de cargas Expresso Universo. Da mesma forma, Tônico arrumava sua vida em uma das construções de madeira da época.

Casado com Isa Roriz Pontes, desde os 22 anos, e na ocasião pai de Maria Alice, Ricardo José e Laise Maria, a saudade da família era amenizada pela vontade de trabalhar no que seria responsável pelo desenvolvimento de seu estado, Goiás, e sua região, o Centro-Oeste. "Todos que aqui chegavam tinham cer-

teza que a inauguração de Brasília impulsionaria o desenvolvimento de tudo ao redor", afirma.

Um dos maiores bancos particulares da América Latina na época, o Banco da Lavoura, sob administração regional do então jovem Tônico, rapidamente tornou-se a principal instituição bancária da capital federal. Ao mesmo tempo em que eram fundadas as primeiras regiões administrativas do DF como Taguatinga, Gama e Sobradinho, novas agências eram inauguradas para

PIONEIROS

Como gerente da primeira agência bancária do Distrito Federal, Tonico foi responsável pelo financiamento de 95% das construtoras da futura capital

atender as necessidades da comunidade e do empresariado que aqui se estabelecia.

O Banco da Lavoura foi o principal financiador das empresas de construção civil envolvidas no projeto da capital federal. Cerca de 95% das construtoras instalaram-se aqui com crédito da instituição. A simplicidade com que as transações eram feitas chama a atenção.

Tonico se lembra, por exemplo, de uma oportunidade em que o Banco contribuiu para a resolução de uma greve dos funcionários da Novacap. "Não havia dinheiro para pagar os operários que construíam o Congresso Nacional", conta Tonico. "Peguei, então, uma mala com 70 milhões de cruzeiros e resolvi o problema" diverte-se.

Essa simplicidade em lidar com grandes quantias e a autonomia com que atendia às necessidades da construção de Brasília abriram caminho para o encontro com Juscelino Kubitschek. Durante uma festa no glamoroso Brasília Palace Hotel, o então diretor da Novacap, Israel Pinheiro, sentado à mesa de JK, apresenta o jovem gerente à autoridade, reclamando que o banco emprestava dinheiro para todos menos para o governo. Preocupado em sanar os problemas financeiros recorrentes no cotidiano da construção, Tonico sempre levava consigo promissórias do banco em branco.

Provocado pela situação, não hesitou em perguntar quanto a Novacap precisava, entregando uma promissória em branco para o próprio JK preencher. O valor registrado e concedido pela instituição equivalia ao total do capital da empresa: 500 milhões de cruzeiros. A garantia pelo em-



“
**TODOS QUE
 AQUI CHEGAVAM
 TINHAM
 CERTEZA QUE A
 INAUGURAÇÃO
 DE BRASÍLIA
 IMPULSIONARIA O
 DESENVOLVIMENTO
 DE TUDO AO REDOR**
 ”

préstimo foi dada em lotes na capital federal. O valor total terminou sendo liberado em 10 prestações mensais de 50 milhões de cruzeiros. Em pouco tempo, Tonico e JK tornavam-se amigos íntimos. "O presidente era um homem muito acessível, como todos que estavam em Brasília", recorda-se.

As memórias da construção de Brasília não se restringem a acordos comerciais e relacionamentos profissionais. O sonho comum aproximava autoridades e trabalhadores braçais, colocando todos na mesma situação. O que servia de casa, ora era escritório, ora salão para confraternizações, ora espaço para oração.

Nesse clima, na casa de Tonico os amigos viviam momentos de descontração. Discutiam, por exemplo, a formação de uma associação de comerciantes precursora da Associação Comercial

do DF, como hoje é conhecida e participavam das missas do padre Roque. "Antes da Igreja do Núcleo Bandeirantes ser construída, era na minha casa que as missas aconteciam, todas as manhãs", conta.

Isto se dava em meados de 1958. A esposa e os filhos já o acompanhavam na empreitada da nova capital. O Núcleo Bandeirante, aos poucos, ganhava o carinho de seus habitantes, tornando-se uma cidade não planejada pelo Governo JK.

Em 1960, a mudança de Tonico e sua família, assim como a de todos os comerciantes que ali residiam, foi providenciada pela Novacap. O novo endereço ficava na quadra 23, equivalente a 715 de hoje, da W3 Sul. Tonico foi um dos primeiros habitantes do que em pouco tempo se tornaria a principal avenida comercial do DF.

AOS 72 ANOS, TONICO SE LEMBRA EMOCIONADO DA VIDA DURANTE A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA

Raio X

Nome: Antônio de Paula Pontes (Tonico)
Idade: 72 anos
Origem: Vianópolis, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: advogado
Esposa: Isa Roriz Pontes
Filhos: Maria Alice Roriz Pontes, Ricardo R. Pontes, Laise R. Pontes (falecida), Isa Maria R. Pontes, Luís Antônio R. Pontes, Guilherme Fernando R. Pontes e Ria Christiane de Paula Mendonça
Netos: Juliana, André, Bruno, Henrique, Marcelo, Gabriel e Fernanda
Bisneto: Pedro

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavacitti, Raquel Flores Garcia e Stela Maris Zica Fotos Daniel Farias Arquivo Público do Distrito Federal e Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados



PIONEIROS



Benoni Dias Beltrão

Esperança no futuro da cidade e do País

Arquivo Público



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Primeiro escriturário do Banco do Brasil no quadro efetivo de Brasília, Benoni Dias Beltrão ainda se lembra da onda de curiosidade e pessimismo que as notícias sobre a construção da nova capital federal provocava no país. Benoni ouviu falar de Brasília, pela primeira vez, pela imprensa. Lembra-se das críticas de Carlos Lacerda ao projeto de Juscelino Kubitschek e do descrédito: "Os membros da União Democrática Nacional duvidavam que o lago Paranoá atingisse a cota 1000, necessária para navegação", recorda-se.

Nessa época, o bancário de 22 anos não imaginava que sua trajetória profissional o colocaria entre os primeiros privilegiados a saciarem a curiosidade de conhecer Brasília. Natural de São João Del Rey, não esperava deixar o Rio de Janeiro, onde trabalhava no Banco Nacional, em direção ao Planalto Central. O convite surgiu nos primeiros meses de 1957. Com o salário dobrado, Benoni seria tesoureiro da primeira agência do banco no futuro Distrito Federal. O que poderia ser um choque

tornou-se fascinante para este senhor de 68 anos. Saído do centro do Rio de Janeiro, na época áurea da Cidade Maravilhosa, Benoni desembarcou em uma Brasília que só tinha a pista de pouso do aeroporto, uma estação de passageiros de madeira e muita poeira. Era março de 1957. Como os outros funcionários do banco, que aceitaram o desafio de participar da empreitada da construção da nova capital, a primeira moradia de Benoni foi um alojamento de madeira na antiga Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante.

Benoni se lembra com carinho das dificuldades que enfrentava no cotidiano simples da cidade. "Aqui não tinha nada, só trabalho", diz. "O que trazia as pessoas para cá era o desejo de lucro", completa. Vivendo à luz da energia a diesel, numa cidade onde só havia homens, trabalhadores sem família, aos poucos a aposta de JK envolvia todos que aqui estavam. "A gente vinha por dinheiro, mas depois se apaixonava pela vida não convencional da construção, passava a sonhar com o futuro da cidade e do país. Um

sentimento inexplicável", emocionou-se o pioneiro.

A carreira de Benoni na agência regional do Banco Nacional foi curta. Dois meses depois, aprovado em concurso, passava a integrar o primeiro quadro de funcionários do Banco do Brasil na nova capital.

Aos poucos, o desenho de Brasília começava a ser traçado e as primeiras construções do Plano Piloto eram iniciadas. Benoni via tudo acontecer e acompanhava o movimento da cidade. Em agosto de 1960, tornava-se um dos primeiros moradores

BENONI CHEGOU A BRASÍLIA QUANDO SÓ HAVIA A PISTA DE POUSO DO AEROPORTO, UMA ESTAÇÃO DE PASSAGEIROS DE MADEIRA E MUITA POEIRA

PIONEIROS

A carreira de tesoureiro do Banco Nacional na nova capital durou pouco. Dois meses depois da chegada, foi aprovado no primeiro concurso do Banco do Brasil em Brasília

BENONI COM A MULHER, FILHOS E NETOS EM SUA CHÁCARA EM SOBRADINHO



de Brasília. A saída do Núcleo Bandeirante foi coroada pelo casamento com sua primeira esposa Ângela Maria Prates. Mineira como ele, os dois se conheceram, em 1959, durante uma viagem de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, nos trens da Central do Brasil.

A curiosidade de conhecer Brasília e o amor pelo futuro marido, fizeram com que Benoni não precisasse convencê-la a acompanhá-lo. Os dois iniciaram a vida de casal em uma lâmina, na Asa Sul.

Lâminas eram alojamentos grandes compostos por vários dormitórios individuais, tipo quitinetes, construídos pelo Banco do Brasil, no endereço onde hoje está a superquadra 303 Sul. Entre as lâminas havia um centro de convivência social, com bares, restaurantes e cinema. O cotidiano da cidade ganhava espaço para o lazer e a diversão.

O canteiro de obras ganhou

ares de capital com a presença das primeiras famílias de moradores e a abertura dos primeiros centros de entretenimento, como o Brasília Palace e a boate Tendinha, no Hotel Nacional. Nestes lugares, autoridades conviviam naturalmente com os pioneiros da cidade. O lazer era democrático. Assim como era a personalidade de JK. "O presidente era uma figura impressionante, extremamente carismática e simples", descreve Benoni emocionado.

O clima quente e seco da capital estimulava a busca pelos recursos hídricos do Cerrado. Assim foi a descoberta do rio Paranoá. Antes de ser represado, amenizava o calor dos primeiros moradores da cidade, aos domingos. "Já havia uma estrada que chegava perto da margem do rio", conta Benoni. "Deixávamos o jipe ali e fazíamos o resto da trilha a pé".

“

A GENTE VINHA POR DINHEIRO, MAS DEPOIS SE APAIXONAVA PELA VIDA NÃO CONVENCIONAL DA CONSTRUÇÃO

”

Apesar do calor, o primeiro clube de Brasília — a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) —, durante muito tempo, funcionou sem as piscinas. Não eram os banhos que atraíam a população que aqui se formava para os clubes, mas os bailes e almoços que a comunidade organizava.

A primeira sede da AABB foi construída com a madeira que antes dava forma à agência pioneira do Banco do Brasil, no Núcleo Bandeirante. Benoni foi um dos responsáveis por conseguir a doação do material e sua utilização na construção do espaço para o clube. O terreno foi doado pela Novacap.

É difícil, para quem freqüenta o local hoje, imaginar que na época havia apenas um grande salão de madeira com piso de cimento queimado e um barquinho ancorado no lago apelidado de *Peneirinha*.

Cronologia

Nome: Benoni Dias Beltrão
Idade: 68 anos
Origem: São João Del Rey, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: bancário aposentado do Banco do Brasil
Esposa: Leda Maria Barbosa
Filhos: Benoni Prates Beltrão, Leonardo P. Beltrão, Alexandre P. Beltrão, Luiz Henrique Barbosa Beltrão
Netos: Pedro, Júlia, Daniel, Mariana, Leandro, Juliana, Fernando, Fernanda e Bruno
Bisnetos: Não tem



Ely Toscano

O médico chegou para trabalhar no Hospital Distrital, hoje Hospital dos Equipamentos para a realização das primeiras cirurgias cardíacas.

Os primeiros passos para cuidar dos corações da capital

Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

A medicina brasileira, mais especificamente a cardiologia, certamente não teria avançado tanto na capital não fosse a coragem, a determinação e o sonho do cardiologista gaúcho Ely Toscano Barbosa. Aos 37 anos, ele decidiu trocar Porto Alegre pela cidade e fazer da cirurgia cardíaca um objetivo de vida.

Ely estava recém chegado dos Estados Unidos, onde trabalhou durante cinco anos, quando foi convidado pelo primo Reni Toscano para conhecer a futura capital brasileira, em fevereiro de 1960. Impulsionado pelo programa de trabalho a ser implantado, o médico encontrou na nova capital um porto seguro para colocar em prática as experiências e o conhecimento adquirido lá fora. Foi na temporada norte-americana que o cardiologista conheceu as novas técnicas de cirurgia cardiovascular extra corpórea, ainda desconhecida no Brasil.

Decidido a se mudar, Ely apressou o casamento com a ginecologista Jurema Toscano,

na capital gaúcha e, dois dias depois da cerimônia, desembarcava em Brasília. Seu primeiro endereço foi na *favela colorida*, como era chamada a 412 Sul, ainda em construção. "Era uma poeira só nos meses de estiagem e muito barro nos meses de chuva", relembra.

O primo Custódio Toscano, inconformado com a falta de

privacidade do casal, por causa do que chamavam *televisão de candango* — apartamentos com amplas áreas envidraçadas e sem cortinas — resolveu levá-los para uma quitinete na 304 Sul. Pouco tempo depois, conseguiu um amplo apartamento na mesma quadra, doado pelo governo, através do Grupo de Trabalho de Brasília.

Um ano depois, o casal se mudava para a 308 Sul.

Em clima de lua-de-mel e sob os festejos da inauguração da capital federal, Ely e Jurema atendiam os pacientes que chegavam ao Hospital Distrital, atual Hospital de Base, em macas, camas e com equipamentos improvisados. Devido à carência de recursos e à ausência de

administração na época, o problema da emergência foi resolvido pelos próprios funcionários com abertura de uma porta de entrada para o setor. "A falta de estrutura era tanta que, durante a visita do general Charles De Gaulle a Brasília, tivemos que emendar uma cama com a outra, pois as poucas que existiam, eram pequenas", lembra.

EM 1964,
ELY (C)
RECEPCIONOU OS
PARTICIPANTES
DO CONGRESSO
BRASILEIRO
DE CARDIOLOGIA
EM VISITA A
BRÁSILIA

S
hospital de Base, e foi responsável pela compra
de equipamentos cardíacos na capital

“
A FALTA DE
ESTRUTURA ERA
TANTA QUE,
DURANTE A
VISITA DO
GENERAL
CHARLES DE
GAULLE A
BRASÍLIA,
TIVEMOS QUE
EMENDAR UMA
CAMA COM A
OUTRA, POIS AS
POUCAS QUE
HAVIA ERAM
PEQUENAS

”

ELY E JUREMA
APRESSARAM
O CASAMENTO,
EM PORTO
ALEGRE, PARA
VIVER O INÍCIO
DA NOVA CAPITAL



Como não havia uma secretaria ou empresa responsável pelo financeiro do hospital, os salários eram pagos pela Novacap. E, quando a fome apertava, médicos e até pacientes recorriam aos quibes fritos e salgadinhos do Instituto dos Ferrovários. Ainda não havia cozinha ou restaurante no hospital.

Em busca de um melhor atendimento, coube a Ely providenciar a infra-estrutura hospitalar. Foi ele o responsável pela compra dos equipamentos necessários para cirurgias. Em 1963, o material chegou ao hospital e naquele mesmo ano foi realizada a primeira cirurgia cardíaca em Brasília.

Formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o médico foi testemunha, também, de cenas tristes que aconteceram no hospital como, por

exemplo, a morte do ministro do Supremo Tribunal de Recursos, Cunha Vasconcelos, vítima de um ataque do miocárdio.

Mesmo longe dos corredores do Planalto, Ely mantinha contatos frequentes com o presidente Juscelino Kubitschek, por quem tinha profunda admiração. “Juscelino sabia ser agradável, além disso, era muito afável e otimista”, relembra.

Durante um congresso internacional, realizado no Rio de Janeiro, pouco tempo depois da inauguração, a Sociedade Brasileira de Cardiologia organizou uma viagem a Brasília para satisfazer a curiosidade dos participantes em conhecer a nova sede do governo. “Como guia, levei-os também até Juscelino, no Palácio do Planalto. Sempre amável e diplomático, não esqueceu de tirar os sapatos como

era de costume. Como só havia um restaurante na cidade e que certamente não comportaria aquela enorme comitiva, de 30 pessoas, cochichei ao ouvido do presidente: ‘E agora, onde os levo para almoçar?’ Ele me respondeu: ‘Leve-os para comer uma feijoada, na Granja do Ipê (residência do presidente da Novacap, Israel Pinheiro)’”.

Depois, segundo contou Ely Toscano, Juscelino se levantou, pediu desculpas a todos. Disse que a agenda cheia o impedia de acompanhá-los até o local. “Durante o almoço, um helicóptero desceu na granja e quem estava dentro? Juscelino”, relembra com emoção.

Lembranças como essas e as tantas outras dos primeiros tempos de Brasília fazem o coração desse médico de 78 anos bater mais forte até hoje.

Raio X

Nome:
Ely Toscano
Barbosa
Idade:
78 anos
Origem:
Porto Alegre-RS
Ano de chegada
a Brasília:
1960
Profissão:
médico
cardiologista
Esposa:
Jurema Toscano
Profissão:
ginecologista
Filhos:
não tem

PIONEIROS



Mário Garófalo

Lembranças divertidas da vida na capital

Arquivo Pessoal

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Mário Garófalo tem uma memória interminável sobre os primeiros anos da capital federal. Confundem-se com as histórias que presenciou como um dos jornalistas mais respeitados do país. Hoje proprietário da Brasília Super Rádio FM, Garófalo já tinha conquistado o respeito de Juscelino Kubitschek, quando desembarcou em Brasília para transmitir ao vivo a inauguração da nova capital, realizada pela histórica TV Tupi.

Foram quase seis meses de trabalhos técnicos para criar uma estrutura que permitisse o feito. A televisão ainda era artigo de luxo e novidade tecnológica no Brasil. "Me lembro que precisamos instalar 12 antenas parabólicas entre Brasília e Belo Horizonte e mais 12 entre Belo Horizonte e o Rio de Janeiro", conta. "Entre o Rio e São Paulo havia apenas uma, mas teve de ser colocada no alto da Serra do Mar para captar o sinal", conclui.

As comemorações começaram logo cedo, às 8 da manhã, na Esplanada dos Ministérios. O Teatro Nacional ainda não existia. Na Catedral, havia apenas o es-



queleto de concreto armado do futuro cartão postal que se tornaria meses depois. Mas já estavam concluídos os prédios que abrigariam os Ministérios, a Rodoviária, o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto.

Era uma festa para homens. Por falta de hospedagem em número suficiente para abrigar os convidados e suas esposas, JK optou por deixar o público feminino fora da inauguração. A poesia característica do Planalto Central não impediu que o traje oficial da festa fosse o *modelito* casaca e cartola. "Naquela época, o

protocolo mandava que todos os homens usassem o traje completo durante o dia", explica. E foi este detalhe estilístico que produziu uma das lembranças que o jornalista mais gosta de contar.

Ao meio-dia, no intervalo da cerimônia, JK convidou a todos para um almoço no Palácio da Alvorada. Os três diretores dos Diários Associados — Edilson Varela, João Calmon e Paulo Cabral — estavam acompanhados, entretanto, de suas esposas. Para evitar constrangimentos, Garófalo foi encarregado de levá-las para almoçar em outro local.

O restaurante escolhido chamava-se *Chez Ville* e ficava na W3 Sul, na altura da 505. "A W3 era uma pista única naquela época. Não tinha o canteiro central que a divide hoje", recorda-se. "Os carros estacionavam na frente das lojas, como nas ruas de uma cidade convencional", completa. A bordo de um jipe — veículo característico de Brasília na época —, Garófalo e as três mulheres pararam em frente ao estabelecimento. Antes de desembarcarem, porém, um garoto que trabalhava no restaurante chama a atenção de todos para

NA PORTA DO CORREIO BRAZILIENSE, GARÓFALO (D) COM TANCREDO E OS DIRETORES DO JORNAL

PIONEIROS

Por insistência de JK, o jornalista acabou se mudando para Brasília logo depois da inauguração da nova capital, tornando-se, com isso, um pioneiro por acaso

**GARÓFALO, COM
A MULHER
LÚCIA, NOS
ESTÚDIOS DA
BRASÍLIA SUPER
RÁDIO**



o mágico que acabava de chegar. “Os habitantes de Brasília eram pessoas muito simples, muitos vindos do interior do país”, conta. “Imagina a surpresa de alguém assim ao se deparar com uma figura vestida de casaca e cartola como eu estava”, indaga aos risos.

As comemorações da inauguração de Brasília continuaram até às 18h30. Foram encerradas com uma grande queima de fogos, de quase meia hora — algo no mínimo impressionante naquele tempo. A transmissão do evento foi um sucesso.

Dois dias depois da festa, de partida para o Rio de Janeiro, Garófalo foi ao encontro de JK para se despedir. “Já éramos amigos há muito tempo, ele sempre apoiou minhas reportagens”, diz. Surpreso com sua retirada, JK insistiu que ficasse e ordenou ao chefe da Casa Civil que arrumasse uma casa para o jornalista se instalar. “Como eu trabalhava na sala de imprensa da Presidência da República e esta agora ficava em Brasília, o presidente achou natural que eu também me mudasse para cá”, justifica. Garófalo aceitou o desafio, tornando-se, por acaso, um dos pioneiros da nova capital.

A primeira moradia do jornalista foi um apartamento no 3º andar da 306 Sul, em um dos únicos três blocos já construídos ali. O cotidiano na cidade era intenso. A responsabilidade de gerenciar o *Correio Brazi-*

liense, de 1960-1965, ocupava todo o seu dia. O jornal já ficava no Setor de Indústrias Gráficas, no mesmo lugar onde está hoje. Mas era o único prédio do local.

Nos momentos de folga, à noite, freqüentava o Brasília Palace, como todos que trabalhavam no Plano Piloto. De dia, uma vez por semana, ia à Cidade Livre (hoje, Núcleo Bandeirante) para comprar comida ou cortar o cabelo, pois o melhor comércio ficava lá. “Pouca gente vivia no Plano Piloto, menos de 15 mil, talvez”, comenta. “Por isso, todo mundo se conhecia, se cumprimentava, se ajudava, era uma convivência muito agradável e democrática”, conclui.

O jeito despojado e vibrante deste cearense descendente de italianos e o ofício que escolheu fizeram com que Garófalo se tornasse amigo de várias autoridades ao longo de seus 83

“

**POUCA GENTE
VIVIA NO
PLANO PILOTO.
POR ISSO, TODO
MUNDO SE
CONHECIA, SE
CUMPRIMENTAVA,
SE AJUDAVA**

”

anos de vida.

O primeiro encontro com JK foi em Minas Gerais, quando o futuro presidente da República ainda era prefeito de Belo Horizonte. A personalidade de Juscelino e a abertura que dava para os profissionais da imprensa contribuíram para aproximação entre os dois.

Quando já cobria os bastidores da Presidência da República, ainda no Rio de Janeiro, um episódio mostra o apreço e confiança depositada por JK no então repórter da TV Tupi — primeira do Brasil. A torre de transmissão da televisão ficava no pico do Pão de Açúcar. A equipe técnica precisava transportar um equipamento para elevar a torre que não cabia no bondinho, único meio de chegar até lá. Solicito, o presidente emprestou o helicóptero oficial, único que existia no Brasil, para fazer o transporte.

Raio X

Nome: Mário Garófalo
Idade: 83 anos
Origem: Fortaleza, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Jornalista
Esposa: Lúcia Batista de Garófalo
Filho: Mário Antônio Garófalo
Netos: Catarina e Gustavo
Bisneto: Gabriel

PIONEIROS



Sophia Wainer

Solidariedade, uma marca do início de Brasília

Arquivo Correio



STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O ano de 1960 poderia ter sido um ano qualquer para a jovem Sophia Wainer, não fosse a viagem, a convite do irmão Samuel, para assistir à inauguração da nova capital. Na noite do dia 20 de abril, da janela do avião que a trazia de São Paulo, avistava as luzes de uma pequena cidade que aos poucos despontava no meio do cerrado. "Quando vi do alto aquelas luzes e no dia seguinte abri a janela e deparei com o céu de Brasília, me apaixonei", declara. Falar da cidade é sempre um motivo de satisfação e orgulho para esta jornalista que iniciou sua carreira no jornal Última Hora, em São Paulo, no ano de 1953. "Jamais trocaria Brasília por outra cidade. Brasília é minha vida. Tenho poucas lembranças de antes de vir para cá", afirma.

A solidariedade dos moradores da nova capital emocionam Sophia até hoje. "Lembro do primeiro dia de Brasília, quando estava à procura da sucursal da Última Hora, ali na rua da Igrejinha (307/308 Sul). Estava completamente perdida quando o deputado Magalhães Pinto passou por mim e me ofereceu

carona até a redação", lembra a então moradora da 306 Sul.

Os anos se passaram, mas as lembranças continuam vivas na memória desta pioneira que assistiu de perto o alvorecer de uma nova era no Centro-Oeste do país. Para Sophia, Brasília tem algo de místico no ar que sempre atrai as pessoas e as traz de volta à cidade. Ela mesma foi envolvida por esse magnetismo e,

daqui, nunca mais saiu.

Misteriosa, Sophia só não esconde seu amor por cada metro quadrado da capital: a Catedral, o Teatro Nacional, a Universidade de Brasília, onde hoje trabalha como assessora do reitor. Locais que foram palco e testemunha do *glamour* da vida da época e de cenas engraçadas como, por exemplo, o dia em que ela e umas amigas foram arrea-

dar dinheiro para a construção da Catedral. "Fomos até as obras para pegar a contribuição dos operários, algumas moedas, o equivalente a cinquenta centavos hoje, mas deixamos as janelas do carro abertas. Passou um redemoinho, na época chamado de *lacerdinha*, e nos encheu de poeira. Quando chegamos ao Ministério da Educação tivemos de ser espanadas".

A PAIXÃO PELA CIDADE FEZ SOPHIA FICAR E AMPLIAR SEU CÍRCULO DE AMIZADES NA CAPITAL

PIONEIROS

Sem medo das cobras e lagartos que diziam existir por aqui, Sophia mudou-se com a família para a nova capital, onde se desenvolveu profissionalmente e criou filhos e netos

A GRANDE ALEGRIA DE SOPHIA HOJE SÃO AS BISNETAS LUARA, LUIZA E KIARA

Os momentos de alegria e emoção que marcaram a chegada de Sophia, e que ela os descreve como se fossem hoje, compensavam as dificuldades encontradas naquele tempo. "Para fazermos compras, tínhamos que ir ao Núcleo Bandeirantes, pois só havia um supermercado na capital em construção". As dificuldades eram muitas, mas a união das pessoas as amenizava. "Ninguém ia fazer compras sem antes perguntar aos vizinhos se precisavam de algo. Se fossemos sem carro para o Núcleo Bandeirantes, não precisávamos nos preocupar, pois sempre teria alguém para nos trazer de volta". No único cinema da época, o atual Cine Brasília, Sophia lembra que todos iam para primeira sessão e ficavam até a última. "Depois sentávamos no meio fio e ficávamos conversando", conta.

A ausência de infra-estrutura adequada e a grande quantidade de obras não impediam, porém, a realização e o sucesso da agenda cultural da cidade. Sophia tem gravado na retina um evento memorável: "Antes mesmo do Teatro Nacional ficar pronto, veio um balé russo se apresentar na cidade. Foi emocionante quando, da platéia, avistei os operários nos andaimes vendo o espetáculo". A cidade que parou para assistir ao balé mostrava também um belo espetáculo de democracia.

A emoção de vivenciar o grande ato de coragem e desafio, como ela própria define a construção de Brasília, e os vários momentos inusitados que presenciou na capital parecem amenizar os difíceis anos que



se seguiram à Revolução de 64, com o desaparecimento de amigos e a expatriação do irmão Samuel. "A sensação de me mudar para a cidade, as luzes, os gestos apressados dos operários, a imensidão do cerrado, o movimento da W3 e as obras arquitetônicas sendo erguidas, tudo isso me impressionou e vai ficar para sempre em minha mente", revela.

A elegância em se vestir, os traços finos e os gestos cortesões da Sophia de hoje ainda guardam vestígios de uma época marcada por muito *glamour*, com cerimônias em que as senhoras portavam chapéus encomendados especialmente para a ocasião, se maquiavam e penteavam no salão do Hotel Nacional e freqüentavam as festas do Brasília Palace Hotel.

Aqui na capital, enquanto produzia matérias para o Diário

“

JAMAI TROCARIA BRASÍLIA POR OUTRA CIDADE. BRASÍLIA É MINHA VIDA. TENHO POUCAS LEMBRANÇAS DE ANTES DE VIR PARA CÁ

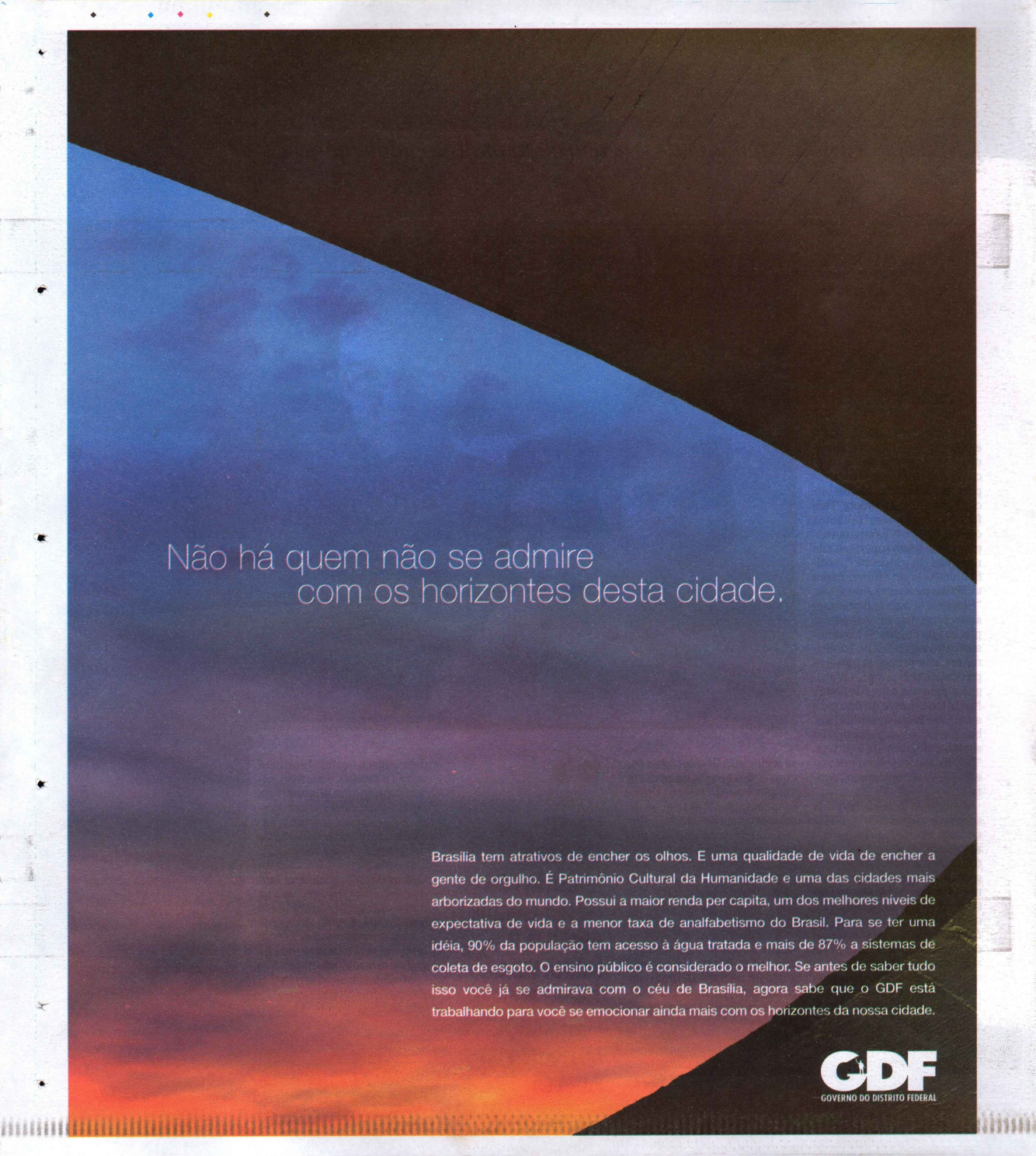
”

de Brasília, o *Correio Braziliense* e a *TV Brasília*, onde fez o primeiro programa de cobertura diplomática, denominado *Avenida das Nações*. Sophia ia aumentando seu círculo de amizades: Juscelino e Sara Kubitschek, Tancredo Neves, Maria Tereza Goulart. O jeito do mineiro Tancredo ainda permanece vivo na memória de Sophia. "Ele era uma pessoa encantadora, gentil e sabia ouvir as pessoas. Era um bom ouvinte e uma pessoa de grande carisma", relembra.

Mesmo sob as advertências da irmã que acreditava existirem na região cobras e lagartos, a paixão pelo inusitado fez com que Sophia trouxesse também sua família para a capital. Desdobrada agora em netos e bisnetos que, como a avó, escolheram Brasília para morar e participar do aprimoramento da cidade.

Raio X

Nome: Sophia Wainer
Idade: "não me lembro"
Origem: Santo André-SP
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Jornalista
Marido: "não é importante"
Filhos: Sylvan, Dora, Lina
Netos: George e Taissa
Bisnetos: Luara, Luiza, Kiara e Davi



Não há quem não se admire
com os horizontes desta cidade.

Brasília tem atrativos de encher os olhos. E uma qualidade de vida de encher a gente de orgulho. É Patrimônio Cultural da Humanidade e uma das cidades mais arborizadas do mundo. Possui a maior renda per capita, um dos melhores níveis de expectativa de vida e a menor taxa de analfabetismo do Brasil. Para se ter uma idéia, 90% da população tem acesso à água tratada e mais de 87% a sistemas de coleta de esgoto. O ensino público é considerado o melhor. Se antes de saber tudo isso você já se admirava com o céu de Brasília, agora sabe que o GDF está trabalhando para você se emocionar ainda mais com os horizontes da nossa cidade.

GDF
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL